

Qualidade de Vida comparada: alunos da escola pública e privada


Lia Machado Fiuza Fialho



Lia Machado Fiuza Fialho

Universidade Estadual do Ceará,
UECE

E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

Resumo

Objetivou-se avaliar comparativamente a Qualidade de Vida infantil no contexto de duas escolas, uma pública e outra privada, na ótica da própria criança e correlacioná-la com o seu rendimento escolar. Os dados foram obtidos mediante o questionário Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé, acrescido de quatro perguntas abertas e do histórico escolar. O teste padronizado foi respondido por 90 crianças das escolas pesquisadas de Fortaleza, Ceará. Para analisar os resultados, recorreu-se ao programa Statistical Package for the Social Sciences e à análise de conteúdo. Comprovou-se que os discentes possuíam Qualidade de Vida satisfatória e que os alunos da escola privada apresentaram melhor índice que os da pública. A Qualidade de Vida não interferiu no rendimento escolar.

Palavras-chave: Qualidade de vida. Educação. Escola. Criança.

Recebido em: 23/05/2017
Aprovado em: 21/11/2018



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2019.e50705>

Abstract**Compared Quality of Life: students from public and private school**

The main objective was to evaluate comparatively the Child's quality of life within two different schools, one public and the other private, from the child's point of view and correlate it with his academic performance. The data was obtained through the quiz Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé, complemented by four open questions and school records. The standardized test was answered by 90 children from the schools surveyed in Fortaleza, Ceará. Analyzing the results by, using the program Statistical Package for the Social Sciences and a content analysis. Proved that the students had a satisfactory Quality of Life and that students from private school had better index than those from the public one. The Quality of Life didn't affect the school performance.

Keywords:

Quality of life.
Education.
School. Child

Resumen**Qualité de Vie comparée: des élèves de l'école publique et privée**

L'objectif était d'évaluer comparativement La Qualité de vie infantile dans le contexte de deux écoles, une publique et l'autre privée, du point de vue du propre enfant et en corrélation avec son rendement scolaire. Les données ont été obtenues par le questionnaire Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé, agrémenté de quatre questions ouvertes et du dossier scolaire. Le test normalisé a été fait par 90 enfants des écoles étudiées sur Fortaleza, Ceará. Pour analyser les résultats, nous avons eu recours au programme Statistical Package for the Social Sciences et à l'analyse du contenu. Il en ressort que les étudiants avait une Qualité de vie satisfaisante et que les étudiants des écoles privées présentaient un meilleur indice que ceux des écoles publiques. La Qualité de vie n'a pas interférée sur le rendement scolaire.

Mots-clés:

Qualité de vie.
Éducation.
École. Enfant

Introdução

Ante a inquietação sobre a existência, ou não, de diferença significativa na Qualidade de Vida (QV) das crianças das escolas públicas e privadas, desenvolveu-se uma pesquisa que objetivou avaliar comparativamente a QV infantil no contexto dessas escolas, considerando a ótica da própria criança, e correlacioná-la com o seu rendimento escolar. Levantou-se a hipótese de que a QV poderia variar de uma realidade para outra, em detrimento das condições sociais, culturais, econômicas, etc., bem como que esta influenciaria no rendimento escolar das crianças.

O desenvolvimento do estudo possibilitou contemplar os seguintes objetivos específicos: medir a QV das crianças; comparar a QV dos alunos das redes pública e privada de ensino; e investigar se a QV interfere no rendimento escolar dos discentes. Importa, no entanto, antes de explicitar a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo, seus resultados e discussões, ensejar compreensão à expressão “Qualidade de Vida” e visibilidade à importância dos estudos na interface desta com a escolarização.

Há indícios de que o termo “Qualidade de Vida” tenha surgido primeiramente na década de 1930 na literatura médica, contudo falta clareza e consistência quanto ao significado e à mensuração do termo. Só a partir de 1950 e 1960, houve um aumento pelo interesse no bem-estar humano e nas consequências da industrialização no indivíduo (SEIDL; ZANNON, 2004) e sua QV. Ainda assim, geralmente essa terminologia continuava fundamentalmente utilizada pela população, de maneira abrangente e abstrata, ou pela classe médica, vinculada à saúde. A noção de QV, de um lado, está relacionada ao modo, condição e estilo de vida; de outro, inclui ideias de desenvolvimento sustentável e ecologia humana, relacionando-se, por fim, ao campo da democracia, do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais (MINAYO *et al.*, 2000). A QV, todavia, é compreendida como a percepção que o indivíduo tem de sua própria vida, cultura, relações de valores em que se insere, quanto aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Essa acepção faz com que a escola, local propício para a socialização, torne-se lugar não apenas oportuno, mas singular, para o estudo da QV (FIALHO; SANTANA; BRANDENBURG, 2015).

Em pleno século XXI, pouco foi estudado e discutido sobre QV em crianças (SABEH; VERDUGO; PRIETO, 2006; PREBIANCHI, 2003) e menos ainda na escola, o que torna as pesquisas nessas áreas pioneiras e significativas. Quando se trata de crianças, erroneamente, há uma tendência a se pensar que um responsável sabe perfeitamente sobre seus pensamentos e interesses (GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000; JOKOVICH; LOCKER; GUYATT, 2004), pois muitos acreditam que ser criança é o suficiente para ser feliz e que os pequenos nada têm a reclamar, afinal vida melhor e mais despreocupada que a deles não existe (FIALHO; SANTANA; VASCONCELOS, 2011). Estudando a QV das crianças, é possível detectar, na maioria dos casos, as maiores satisfações (alegrias) e insatisfações (tristezas),

possibilitando o desenvolvimento de projetos pedagógicos que viabilizem um maior número de situações alegres e minimizem as circunstâncias conflitantes ou geradoras de insatisfações.

É importante ressaltar que a disseminação do presente estudo se configura relevante, tendo em vista: a escassez de publicações acerca de QV com crianças sem patologias específicas; a definição, por intermédio do estudo, das dimensões de QV mais relevantes na ótica das crianças; a ausência de estudos brasileiros que investigam a QV de escolares; a crescente preocupação política, educacional e social de melhorar a QV da população; o fomento às reflexões acerca da relação entre rendimento escolar e QV; e a possibilidade de estímulo às novas pesquisas e intervenções práticas que visam à melhoria da QV infantil.

Metodologia

Este estudo é de natureza descritiva, exploratória e transversal, do tipo quantitativo, que utiliza ferramentas qualitativas de avaliação. Visto que o construto Qualidade de Vida é multidimensional e subjetivo, constitui-se uma tendência o pluralismo metodológico no estudo da QV (VERDUGO; SCHALOCK, 2006). A escolha das abordagens qualitativa e quantitativa “[...] partilha a premissa epistêmica de que o conhecimento é produzido numa interação dinâmica entre o sujeito e o objeto do conhecimento e que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e (inter)subjetivo dos sujeitos” (DESLANDES; ASSIS, 2002, p. 199), o que possibilita a comunicabilidade entre as abordagens (SEIDL; ZANNON, 2004). Com efeito, a abordagem quantitativa e qualitativa pode estar presente em um único estudo com a finalidade de complementariedade, objetivando que o estudo se revele com maior clareza e fidedignidade.

Participaram da pesquisa 90 crianças, com idade entre 8 e 11 anos, que estavam regularmente matriculadas no 4º ano do ensino fundamental I das escolas onde ocorreu a pesquisa. A idade das crianças foi determinada por se considerar que esse intervalo etário compõe os últimos anos da infância, e crianças dessas idades têm maior conhecimento de si mesmas (autoconceito), melhor desenvolvimento da autoestima e capacidade de avaliar suas próprias capacidades e competências (PALACIOS; HIDALGO, 2004), o que facilitou a avaliação da sua própria QV. Importa ressaltar que esta pesquisa seguiu as normas da Resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, de 10 de outubro de 1996, sendo submetida à avaliação do Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza (Unifor), recebendo parecer favorável.

Todas as crianças que cursavam o 4º ano do ensino fundamental I das escolas – pública e privada – foram inicialmente escolhidas. As crianças, bem como um de seus responsáveis legais, receberam os termos de consentimento com orientações sobre a pesquisa; depois de esclarecidas as dúvidas, apenas foram incluídas as que concordaram em participar, com o assentimento de seu responsável legal, assinando o referido termo. A identidade dos colaboradores e o nome das duas escolas foram preservados

em anonimato. “Atentou-se para boa “relação dialética entre os interesses individuais (pesquisador e pesquisado) e coletivos (comunidades locais e comunidades escolares)” (MOLINA, 2011).

Destaca-se que, dentre as crianças participantes, havia apenas uma menina, oriunda da escola particular, com necessidade educativa especial diagnosticada, que possuía uma perda auditiva média, mas utilizava aparelhos auditivos bilaterais. Sua participação na pesquisa foi viabilizada, permitindo as mesmas experiências dos demais, visando igualdade de oportunidades educacionais aos deficientes, como defende Hope (2010).

A pesquisa realizou-se em duas escolas, uma pública e outra privada, do município de Fortaleza-Ceará-Brasil. Ambas as instituições possuíam uma boa infraestrutura física: com laboratório de informática relativamente atualizado; biblioteca com variedades de livros e acessível às crianças; salas de aula arejadas, amplas e bem iluminadas; quadra poliesportiva; área de lazer; bebedouros; banheiros coletivos em quantidade suficiente e limpos; dentre outros equipamentos. Entretanto, o colégio particular, que trabalha com uma clientela de classe média, possui sua infraestrutura privilegiada, em detrimento da escola pública, que atende à população de classe econômica baixa, pois dispõe de área mais ampla, com brinquedos mais modernos, maior número de quadras esportivas, computadores, etc. A escolha das instituições justifica-se pelo fato de: encontrarem-se no mesmo bairro – urbano, populoso e desenvolvido –, possuírem infraestrutura e abertura necessárias e adequadas ao desenvolvimento da pesquisa e apresentarem clientelas distintas em poder aquisitivo – a particular atende prioritariamente à classe média, enquanto a pública atende à classe pobre.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação do *Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé* (AUQEI), que foi desenvolvido na França em 1997 por Manificat e Dazord e validado no Brasil em 2000 por Assumpção Junior, Kuczynski, Sprovieri e Aranha. O AUQEI é um questionário avaliativo com reconhecida validade e confiabilidade, sendo o único instrumento genérico para avaliar a QV disponível no Brasil para essa faixa etária. O AUQEI foi validado mediante a aplicação em 353 crianças com idade variando entre 4 e 12 anos, sendo 182 do sexo feminino e 171 do sexo masculino, todas saudáveis, provenientes de uma escola de classe média da cidade de São Paulo, oriundas da pré-escola e das seis primeiras séries do ensino fundamental, atestando suas propriedades psicométricas, motivo pelo qual se justifica sua escolha, visto que esta pesquisa trabalha com sujeitos de idade dentro do intervalo suscitado.

Ao AUQEI acresceram-se quatro questões subjetivas: “1) Em algumas vezes, você está muito infeliz? Diga por quê.”; “2) Em algumas vezes, você está infeliz? Diga por quê.”; “3) Em algumas vezes, você está feliz? Diga por quê.”; e “4) Em algumas vezes, você está muito infeliz? Diga por quê.”, que foram respondidas com o auxílio das faces do AUQEI representando, respectivamente, cada uma dessas

situações com desenhos de rostos infantis expressando muita tristeza, tristeza, felicidade e muita felicidade.

O AUQEI possui, ainda, 26 questões objetivas com quatro opções de respostas (infeliz, muito infeliz, feliz e muito feliz) a serem assinaladas com um “x”, em que 18 destas estão contidas em quatro fatores básicos: 1) Função: questões relativas às atividades na escola, às refeições, ao deitar-se, à ida ao médico, etc.; 2) Família: questões relativas às figuras parentais e às próprias crianças; 3) Lazer: questões relativas às férias, ao aniversário e às relações com os avós; 4) Autonomia: questões relativas à independência, à relação com os companheiros e à avaliação. E as outras oito questões detêm importância isolada. Para cada uma das 26 respostas oriundas das perguntas objetivas, é dado um escore específico, que vai de 0 a 3, de acordo com o item assinalado, o que possibilita a obtenção de um escore único, resultante da somatória dos escores atribuídos aos itens. Considerando uma variação possível de 0 a 78 e uma nota de corte de 48, quanto maior o escore obtido, melhor a QV da criança.

O histórico escolar foi utilizado para calcular a média anual das 90 crianças e correlacioná-la com a QV de cada uma delas, para analisar se a QV poderia estar interferindo no rendimento escolar.

Na escola particular, o questionário, que se caracteriza por ser autoaplicável, foi explicado pela pesquisadora e, posteriormente, realizado integralmente pelas crianças de forma coletiva na sala de aula, com a presença da professora e da pesquisadora, para esclarecerem dúvidas sempre que se fizesse necessário. Na escola pública, a explicação e o preenchimento do questionário foram realizados na biblioteca da escola de forma individual pela pesquisadora, isso porque, no Brasil, as crianças dessas instituições nem sempre são alfabetizadas até o 4º ano do ensino fundamental e o teste-piloto mostrou que a maioria não tinha condições de escrever de forma compreensível, com coerência de ideias, as respostas subjetivas do AUQEI, além de apresentarem muitas dificuldades de interpretar os itens da parte quantitativa do instrumento.

As respostas das perguntas abertas do AUQEI foram processadas por intermédio da técnica de “Análise de Conteúdo”, segundo Bardin (2009), para identificação dos temas principais, categorias de análise. Nesse sentido, as respostas foram assim agrupadas: 1) Juntaram-se todas as respostas iguais; 2) Agruparam-se as respostas que, mesmo não sendo iguais, assemelhavam-se bastante; 3) Dividiram-se as respostas em dois grandes grupos – relacionadas à felicidade e relacionadas à tristeza; 4) Agruparam-se, finalmente, as respostas em categorias e subcategorias definidas pela frequência com que apareciam os tipos de respostas. Esse procedimento de análise qualitativa, não previsto originalmente no AUQEI, foi iniciado por Melo, Valdés e Pinto (2005), visando obter mais informações acerca das subjetivações infantis.

Os dados obtidos com as perguntas objetivas do AUQEI foram pontuados por meio da soma dos escores, da maneira prevista na prova, utilizando o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Através do mesmo programa, realizou-se: o teste *kolmogorov-smirnov*, para comprovar a normalidade das amostras; e o teste t simples independente, para comparar os escores de QV das crianças da escola pública e privada. A correlação entre o rendimento escolar e o escore de QV foi realizada individualmente, por intermédio também do SPSS.

Resultados e discussão¹

O construto QV recebe definições e significações variadas, no entanto a maioria dos autores concorda com a subjetividade e a multidimensionalidade do termo. Ele abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades em épocas e histórias diferentes, tornando-se uma construção social com a marca da relatividade cultural (MINAYO *et al.*, 2000). Buss (2000) assevera a importância de assegurar meios e situações que ampliem a QV “vívida” e a capacidade de autonomia e bem-estar, que, por sua vez, são aspectos socialmente definidos, importando em valores e escolhas. Pesquisar QV na sua interface com a educação permite ensejar visibilidade não apenas ao espaço escolar, mas a um arcabouço de fatores sociais, culturais, econômicos, etc., que perpassam a escolarização, já que esta não se efetiva dissociada do contexto em que se insere.

Como crianças foram constantemente consideradas respondentes não confiáveis, os primeiros estudos para avaliar a QV na infância foram obtidos através da ótica das mães (EISER, C.; EISER, J.; STRIDE, 2005). Entretanto, pais e crianças não necessariamente dividem semelhantes previsões concernentes à vida, o que tornou relevante considerar a opinião da própria criança (JOKOVICH; LOCKER; GUYATT, 2004). O estudo em tela, nessa direção, viabilizou a avaliação da QV de 90 escolares, sendo 45 da escola pública e 45 da escola particular (Tabela 1), possibilitando ouvir as crianças acerca da sua QV e compreender melhor os aspectos mais significativos para sua QV e como esta interfere no rendimento escolar.

Tabela 1: Crianças participantes por escola e sexo.

	Escola pública	Escola particular	Total
8 anos	06	02	08
9 anos	19	26	45
10 anos	12	17	29
11 anos	08	00	08
Meninos	24	23	47
Meninas	21	22	43
Total	45	45	90

Fonte: Questionário AUQEI.

As 90 crianças possuíam idades entre 8 e 11 anos, com média etária de 9,4 anos. Destas, 47 eram do sexo masculino e 43 do sexo feminino. Observa-se que, ao considerar a distorção entre idade e série, foi encontrado um número maior de discentes da rede pública, seja em números de adiantados (6 alunos) ou atrasados (8 alunos).

Considerando que a pesquisa possui uma vertente qualitativa, oriunda das perguntas abertas, e outra quantitativa, proveniente do questionário com perguntas fechadas, optou-se por iniciar a apresentação e a discussão dos resultados pela parte qualitativa.

De acordo com as respostas oriundas das quatro perguntas abertas do AUQEI, emergiram três categorias temáticas referentes às duas primeiras perguntas, que questionavam acerca do que fazia as crianças sentirem-se felizes e muito felizes, e outras três, relacionadas às duas últimas perguntas, que investigavam o que deixava os educandos tristes ou muito tristes. Ainda que as categorias emergentes tenham sido as mesmas para alunos da rede pública e privada de ensino, a ordem de importância atribuída a cada uma delas sofreu alteração (Quadros 1 e 2).

Quadro 1: Categorias relacionadas à felicidade X categorias relacionadas à infelicidade para alunos da rede privada.

Categorias de felicidade	Categorias de infelicidade
1) Lazer – escola	1) Brigas – pais
2) Família – amigos	2) Morte/doença
3) Acesso a bens materiais	3) Distância da família – isolamento

Fonte: Perguntas abertas.

Quadro 2: Categorias relacionadas à felicidade X categorias relacionadas à infelicidade para alunos da rede pública.

Categorias de felicidade	Categorias de infelicidade
1) Lazer – escola	1) Brigas – pais
2) Acesso a bens materiais	3) Distância da família – isolamento
3) Família – amigos	3) Morte/doença

Fonte: Perguntas abertas.

As categorias relacionadas à felicidade foram: “família”, com a subcategoria amigos, que se relaciona a estar próximo da família e ao bom relacionamento com familiares e amigos; “acesso a bens materiais”, que diz respeito a presentes; “lazer”, com a subcategoria escola, que engloba as atividades esportivas e escolares, brincadeiras e ócio. Observou-se a importância que as crianças davam às relações interpessoais com familiares e amigos, ao poder econômico de compra e ao lazer, sendo a escola local privilegiado para seu desenvolvimento.

No que tange à tristeza, as categorias emergentes foram: “brigas”, com a subcategoria pais, que retrata discussões e agressões físicas oriundas do desentendimento com pais e amigos ou entre os pais; “distância da família”, com a subcategoria isolamento, que se vincula à ausência de membros da família, saudades e ficar só; “morte/doença”, que infere sobre o óbito de entes queridos e doenças ou machucados pessoais e/ou em familiares. Tais categorias enfatizam, novamente, a importância ensejada pelas crianças a um bom relacionamento interpessoal com familiares e amigos.

Schalock e Verdugo (2003) sugerem três níveis de sistemas que afetam a QV: 1) Macrossistema, que envolve os padrões culturais mais amplos, como política, economia e tendências sociais que afetam valores e conceitos; 2) Mesossistema, que se refere à comunidade social que cerca o indivíduo – vizinhos, prestadores de serviços que mantêm contato pouco esporádico, entre outros; e 3) Microssistema, que é representado pelos indivíduos e locais ligados diretamente ao sujeito, como familiares, escola, lar, amigos íntimos, entre outros. De maneira congruente a esse postulado, as respostas das crianças contemplavam, prioritariamente, as relações interpessoais desenvolvidas na escola e na família.

As questões abertas do AUQEI possibilitaram observar que a categoria que mais gerou felicidade foi referente ao “lazer” para os alunos de escola pública e privada. A segunda mais relevante não foi unânime para ambas as escolas, pois os discentes da escola pública elegeram o “acesso a bens materiais”, enquanto os alunos da particular preferiram a categoria “família”. Esses resultados assemelham-se com os encontrados por Melo e Valdés (2005), quando questionaram crianças com idades entre 8 e 11 anos, oriundas dos municípios do estado do Ceará, no Brasil, sobre o que lhes faziam sentir-se felizes, uma vez que os participantes também relataram o lazer como maior gerador de felicidade, dando grande ênfase ao acesso a bens materiais. No entanto, no estudo citado, a segunda categoria mais citada foi a limitação causada por doença, pois se tratava de crianças com distrofia muscular do tipo *Duchenne*.

Quando as crianças foram questionadas acerca do que fazia com elas se sentissem felizes, as respostas, em sua maioria, relataram: brincar, jogar, assistir à televisão e participar de prazerosas atividades escolares. Verdugo e Sabe (2002), quando questionaram crianças de 8 anos, de nacionalidade argentina e espanhola, sobre o que fazia com que elas se sentissem contentes e felizes, também encontraram resultado similar, haja vista que as crianças de ambos os países citaram respostas referentes às atividades de ócio e recreativas. Tal achado permite inferir a importância que a escola possui como promotora de QV, por possibilitar diariamente momentos de lazer e interação com amigos.

No que diz respeito à segunda opção das crianças, os resultados merecem análises, visto que, na escola pública, onde estudam crianças de baixa renda, que, na maioria dos casos, não têm acesso fácil à alimentação, vestuário, moradia digna, brinquedos modernos, dentre outros bens de consumo, a categoria “acesso a bens materiais” configurou-se significativa. Afinal, a felicidade gerada quando conseguem obter

algum objeto de desejo, mesmo mediante a baixa remuneração de seus pais, que impossibilita a compra do mínimo necessário a uma vida saudável, é de expressividade singular.

Com base na mensalidade da escola particular, que é de aproximadamente um salário mínimo, calcula-se uma renda mensal familiar mínima de aproximadamente quatro salários, enquanto na rede pública a média da renda familiar é apenas de um salário. Logo, as crianças com maior facilidade de acesso a bens de consumo dão menos relevância à categoria “acesso a bens materiais” que os discentes da escola pública.

A categoria que mais gerou tristeza foi “brigas”, tanto para os alunos da escola pública quanto para os da escola privada. A segunda mais relevante tornou a divergir, sendo “morte/doença” para os educandos da escola particular e “distância da família” para os alunos da escola pública.

A categoria “brigas” foi a mais pontuada em relação a situações de tristeza, pois, para todas as crianças, os conflitos com amigos e familiares, acarretando “castigo”, “peia”, discussão, desunião, agressão física e exclusão pelos colegas, são situações bastante negativas na ótica das crianças. Foi comum a identificação de respostas como: “Ah! Eu fico muito triste quando meu pai me dá uma peia”; “Eu fico muito triste quando meu pai ou minha mãe me bate”; “Fico triste quando eu *tô* de castigo, porque é chato”; “Fico triste quando minha mãe e meu pai brigam comigo”; “Fico triste quando meus amigos falam de mim”; “Fico triste quando meus amigos brigam comigo”.

Verdugo e Sabe (2002), quando questionaram crianças argentinas e espanholas acerca do que fazia com que elas se sentissem tristes, pensativas ou enjoadas, também encontraram resultados prioritariamente vinculados às relações interpessoais, atinentes à qualidade das relações com amigos e familiares, seguidas de resultados atrelados ao bem-estar físico e material, relacionado com saúde e ausência de doenças.

Observou-se que as crianças da escola pública salientaram a categoria “distância da família” como a segunda mais citada. Esse fato se deu devido aos vários depoimentos tristes registrados, afirmando que o pai havia ido embora, que a mãe demorava a voltar do trabalho, que não gostavam de ficar sozinhos em casa e que sentiam saudades de algum ente familiar querido (irmãos, avós, etc.). Na escola particular, os alunos ressaltaram como segunda mais importante a categoria “morte/doença”. A discrepância com respeito aos depoimentos das crianças das instituições pública e privada foi ocasionada pelo fato de que os educandos dessa última não ficam sós em casa, pois sempre estão acompanhados de um familiar ou de uma empregada doméstica, e a maioria não está exposta à mesma situação das crianças de escola pública, por terem os familiares por perto; mesmo em caso de pais separados, poucos perdem o contato com eles. Logo, a segunda coisa que mais lhes entristecia era perder um ente querido por óbito ou a existência de doenças, quer seja nelas próprias ou nos familiares.

Através da complementariedade das abordagens na pesquisa, tornou-se possível, após discutir os dados da análise qualitativa do AUQEI, compreender mais facilmente os resultados do AUQEI objetivo, que apresentou maior Escore de Qualidade de Vida (EQV) para alunos provenientes de escola privada em detrimento dos de escola pública (Tabela 2).

Tabela 2: Cruzada de AUQEI por grupo.

		Escola pública		Escola particular		Total
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
AUQEI	Média EQV	48,42	50,90	50,91	54,50	51,12
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
	< 48	10	7	6	2	25
	≥ 48	14	14	17	20	65
	Total de crianças	24	21	23	22	90

Fonte: Questionário AUQEI.

O resultado da parte objetiva do AUQEI, que englobava as 26 questões fechadas, constatou que os escores médios totais de qualidade de vida (EQV) calculados para as 90 crianças demonstraram-se satisfatórios (51,12). Apesar de 65 alunos, a maioria, obterem boa qualidade de vida, houve 25 estudantes que não atingiram o escore mínimo de QV, ou seja, 17 crianças da escola pública e 8 da particular não obtiveram boa QV. Tal dado demonstra a necessidade de a escola, em vez de negligenciar o assunto, identificar os alunos que possuem QV comprometida e investir, de maneira individualizada, no fomento de ações interventivas que possam minimizar os aspectos propulsores de infelicidade.

Observou-se que as crianças da escola particular obtiveram melhor EQV (52,67) do que as provenientes da escola pública (49,57) e que essa diferença é estatisticamente significativa. Na escola particular, 17,7% alunos apresentaram EQV < 48, enquanto na escola pública esse número aumentou consideravelmente, passando para 37,7%. A respeito da variável sexo, as meninas obtiveram melhor QV do que os meninos, no entanto essa diferença não se constitui significativa ($p > 0,05$). Vale ressaltar que a única menina com necessidades educativas especiais apresentou EQV (62) satisfatório, não destoando da maioria do grupo.

Sabe-se, por Assumpção Junior *et al.* (2000), na validação do instrumento AUQEI, ao aplicarem questionário a 353 crianças de 4 a 12 anos, provenientes de escola de classe média, que os alunos obtiveram EQV médio igual a 52,1, semelhante ao constatado nas crianças oriundas da classe média de Fortaleza. Não foi identificado, porém, estudo publicado utilizando AUQEI em crianças, sem agravos na saúde, de baixa renda, para tornar possível a comparação com outras pesquisas. Percebeu-se que essa foi a

primeira pesquisa que se deteve a analisar tal distorção, e essa diferença precisa ser considerada, porque o Brasil é um país com grandes concentrações de renda, em que o dualismo na educação ainda se perpetua (SAVIANI, 2013). Importa, pois, ensejar reflexões, inquietar-se e investir esforços para minimizar o abismo econômico entre as crianças, proporcionando uma educação não apenas universal, mas com qualidade e equidade.

Em suma, considerando que as crianças da escola pública são reconhecidas como população de baixa renda: residência em favelas do bairro, baixa qualidade dos serviços básicos (saneamento, abastecimento de água, coleta de lixo e rede de esgoto), limitações diversas quanto ao acesso à saúde e educação e ausência de bens materiais essenciais – como casa, alimentação, vestuário, dentre outros –, tais situações poderiam afetar negativamente sua QV. De igual forma, as graves condições da escola pública no Brasil, fundamentalmente na educação básica, representam um desafio para os profissionais que nela atuam (GUZZO, 2003), mas, em contrapartida, a escola representa, para muitas crianças, o lugar onde encontrar a principal fonte de alimentação diária, jogos, livros e lazer.

Ante a diferença significativa expressa na QV de discentes da rede pública e privada de ensino, bem como na importância atribuída à família e à escola, nesse último caso associando-a ao lazer, tornou-se pertinente analisar isoladamente os quatro fatores principais que compõem as questões objetivas do AUQEI. Na escola pública, os fatores função, família, lazer e autonomia obtiveram, nessa ordem, os maiores valores (9,82 e DP = 1,85; 8,11 e DP = 1,76; 7,60 e DP = 1,19; 6,16 e DP = 1,63). Essa sequência foi seguida também para a escola privada (10,24 e DP = 1,74; 9,51 e DP = 1,19; 8,44 e DP = 0,99; 7,13 e DP = 1,56), respeitando-se as variações possíveis (Quadro 3).

Quadro 3: Comparação dos fatores de Qualidade de Vida por grupo.

Fatores	Instituição	Número	Média	Desvio padrão	Média de erro padrão
Autonomia	Pública	45	6,16	1,637	0,244
	Privada	45	7,13	1,561	0,233
Função	Pública	45	9,82	1,850	0,276
	Privada	45	10,24	1,747	0,260
Lazer	Pública	45	7,60	1,195	0,178
	Privada	45	8,44	0,990	0,148
Família	Pública	45	8,11	1,761	0,263
	Privada	45	9,51	1,199	0,179

Fonte: Questionário AUQEI.

Com a correlação da pontuação entre os fatores de cada escola, constatou-se que as dimensões “lazer” e “família” apresentaram diferença significativa ($p < 0,0001$) e que “autonomia” e “função” não apresentaram diferenças significativas. Ao identificar que os fatores que causam distorção entre a QV geral das crianças das escolas pública e privada são “lazer” e “família”, é possível inferir que, para minimizar tal diferença, faz-se oportuno que a unidade estudantil invista em ações para aproximar a família da escola, fomentando trabalhos colaborativos que valorizem as relações interpessoais, bem como é preciso que a instituição escolar propicie aulas mais lúdicas e atividades de lazer, que perpassem os muros escolares (ANDRADE, 2013). Afinal, ao proporcionar condições harmoniosas de interação social e atividades lúdicas, atua-se na satisfação infantil e, consecutivamente, na melhoria da QV das crianças.

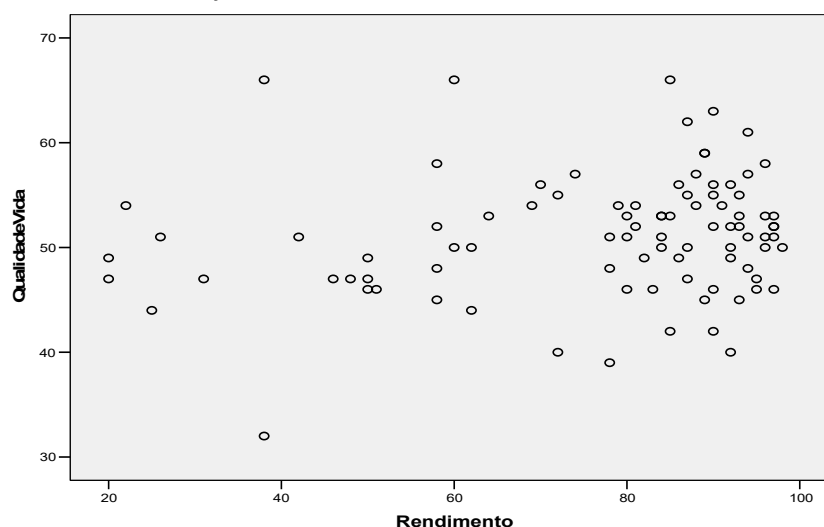
A diferença entre os escores das escolas, especificamente em relação à dimensão família, possivelmente ocorreu pelo fato de que foi detectado com o AUQEI qualitativo que havia uma quantidade de alunos considerável da escola pública que eram filhos de pais afastados fisicamente, por motivos de trabalho, separação, dentre outros. Logo, nas perguntas referentes a como eles se sentiam quando pensavam no pai e na mãe, as crianças que se encontravam nessa situação respondiam negativamente, alegando que ficavam tristes, pois sentiam saudades do pai ou da mãe. Vale salientar que, na escola pública, encontraram-se casos de crianças com mães que trabalhavam como domésticas e só retornavam ao lar uma vez por semana, pais que foram se empregar em outra cidade, pais que trabalhavam viajando (caminhoneiros, por exemplo), além de um número considerável de discentes que haviam perdido o contato com o pai em razão da separação do casal. Ainda que aferida importância a avós, tios, irmãos mais velhos e demais cuidadores, estes não supriam a carência afetiva da figura paterna ou materna, o que gerava tristeza evidente nos infantes.

Ainda que a escola possua função primeira de fomentar o conhecimento produzido ao longo do tempo pela sociedade, preparando para o prosseguimento nos estudos e para a formação para o trabalho (Lei nº 9.394/1996), a escola pública precisa considerar a situação sócio-histórico do aluno e proporcionar a realização de ações que promovam articulação entre o conhecimento científico e a vida prática dos educandos, numa “perspectiva reflexiva e contextualizada” (SANTOS, 2017) tanto para desenvolver uma aprendizagem significativa como para viabilizar o envolvimento da comunidade escolar e, em especial, da família na educação escolar das crianças. Tornar as atividades escolares prazerosas e contextualizadas permite investir no fator lazer e também propiciar ambiente harmônico de aproximação familiar. A escola não pode secundarizar a importância da família e das relações interpessoais, é preciso investir em proporcionar o desenvolvimento mais salutar dessas relações (FIALHO; MORENO, 2006).

O rendimento escolar foi uma dimensão referenciada como bastante significativa na função “lazer” pelas crianças tanto da escola pública como da particular. Tal fato fez com que a pesquisa acerca da correlação entre QV e rendimento se tornasse mais pertinente. Constatou-se (Gráfico 1), após apurar as

médias das notas anuais dos alunos e correlacioná-las com os escores de QV, que não há correlação direta ($r = 0,18$; $r_s = 0,17$; $p = 0,89$).

Gráfico 1: Correlação entre Qualidade de Vida e Rendimento Escolar.



Fonte: Histórico Escolar e Questionário AUQEI.

O Gráfico 1 demonstra a inexistência de correlação entre rendimento e QV, ou seja, há alunos bons com baixa qualidade de vida que possuem boas notas na escola e outros com boa QV que não se saem bem nas avaliações escolares. Esse resultado contraria a hipótese de que teriam melhores resultados escolares as crianças com melhor QV.

Tal dado permite questionar o paradigma de que crianças menos favorecidas economicamente não aprendem tanto quanto as mais abastadas ou que crianças mais felizes são os melhores alunos. Importa esclarecer, contudo, que, apesar de o foco do estudo não ser a maneira como se desenvolve a avaliação do rendimento escolar das crianças, nas escolas pesquisadas os critérios utilizados se assemelhavam bastante: quantificação dos resultados numericamente, provas escritas, trabalhos individuais e em grupos dirigidos, dentre outros.

Ainda que o rendimento escolar tenha demonstrado ênfase na fala dos educandos, essa dimensão gerava um misto de sentimentos contraditórios: felicidade ao alcançar o resultado almejado; preocupação em conseguir boas notas; e tristeza ao não atingir o rendimento esperado. Observou-se, dessa maneira, que a maneira como se desenvolve a avaliação do rendimento escolar gera mais sentimentos negativos – preocupação, tristeza – do que positivos – alegria, satisfação. Tal afirmativa é congruente com as ideias de Luckesi (2009), que defende uma avaliação formativa e processual, que, em vez de universalizar e quantificar numericamente os discentes com exames tradicionais, possa mensurar o crescimento individual e valorize as experiências dos estudantes.

É relevante trabalhar o empoderamento do sujeito para que ele possa agir em conformidade com seu próprio bem-estar físico e psicológico, melhorando sua QV (BROWN; GORDON, 2004). O

protagonismo e a capacidade de expressar sentimento, inclusive conversando sobre eles, devem ser estimulados na criança, para que desde a infância possa haver uma educação para intervir em sua própria vida, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de discernir o que lhe faz bem e o que lhe traz satisfação, realizando ações que visem ao seu bem-estar (EISER; MORSE, 2001), sem, no entanto, ignorar a coletividade e as necessidades dos semelhantes. Educar para a cidadania é também formar sujeitos críticos e atuantes (LEDESMA, 2013) que consigam intervir em seu entorno com vistas a melhorar a QV individualmente e a da sociedade na qual se insere.

Considerações finais

O conceito de Qualidade de Vida (QV) é definido como uma noção eminentemente humana, que varia seu significado a partir da história de vida de cada indivíduo, levando em consideração suas experiências, cultura, valores, conhecimentos e até mesmo o momento histórico e classe social em que vive. Especificamente nas crianças, a avaliação da QV, além de subjetiva e multidimensional, inclui também, em larga escala, a interação psicossocial tanto da criança quanto da família (VERDUGO; SCHALOCK, 2006). A escola, como espaço privilegiado que promove educação e interações múltiplas, deve estar atenta para a QV de vida dos seus alunos e desenvolver ações que levem em consideração os aspectos geradores de satisfação e insatisfação (FIALHO; SANTANA; VASCONCELOS, 2011).

Considerando a multidimensionalidade e a subjetividade do construto QV, questionou-se sobre a existência, ou não, de diferença na QV das crianças das escolas públicas e privadas, bem como se a QV poderia estar interferindo no rendimento escolar dos discentes. Para desvelar essa problemática, desenvolveu-se uma pesquisa comparativa, que avaliou a QV de crianças de escola pública e privada e correlacionou o rendimento escolar dos educandos com sua QV.

O desenvolvimento do estudo utilizou: quatro perguntas abertas, para compreender subjetivamente os aspectos que mais geravam felicidade e infelicidade nas crianças; o questionário objetivo *Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé* (AUQEI), para avaliar a QV e identificar os fatores que mais influíam na QV dos estudantes; e o histórico escolar, para consultar as médias das crianças e apurar o rendimento escolar. A coleta dos dados possibilitou identificar as categorias que ensejavam felicidade e infelicidade, medir a QV das crianças, comparar a QV dos alunos da rede pública e privada de ensino, comparar os fatores mais importantes na QV infantil (função, família, lazer e autonomia) e investigar se a QV interferia no rendimento escolar dos estudantes.

As perguntas abertas foram submetidas à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), apontando para a emergência de seis categorias, sendo três referentes à felicidade – família, acesso a bens materiais e lazer – e outras três relacionadas à infelicidade – brigas, distância da família e morte/doença; os alunos da escola pública deram mais relevância ao acesso a bens materiais, enquanto os da escola privada

demonstraram valorizar mais a família. O AUQEI foi analisado com auxílio do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), com nota de corte 48, e demonstrou que a qualidade média das crianças era satisfatória (51,12), ainda que 25 dos 90 alunos (8 da escola particular e 17 da pública) não tenham apresentado boa QV. A comparação entre a QV dos discentes das escolas particular e pública aferiu que os estudantes da instituição particular possuíam melhor QV (52,67) do que os da instituição pública (49,57). No tocante aos fatores de QV, a ordem de importância atribuída pelos aprendizes de ambas as escolas foi a mesma – função, família, lazer e autonomia. Não houve correlação entre o rendimento escolar e a QV.

Confirmou-se a hipótese de que a QV poderia variar de uma realidade para outra em detrimento das condições sociais, culturais, econômicas, etc.; já a hipótese de que a QV influenciaria o rendimento escolar das crianças não foi asseverada. Associa-se a importância dada ao acesso a bens materiais, em detrimento da família, pelas crianças das instituições públicas à situação econômica desfavorável, que por vezes não atende às necessidades básicas, tampouco aos desejos de consumo. O distanciamento de um dos genitores, por causa das separações conjugais ou por causa dos trabalhos dos responsáveis financeiros, também influencia a QV, afetando, principalmente, os mais pobres.

Vale ressaltar que a pesquisa apresenta como limitação trabalhar com uma quantidade relativamente pequena de participantes e de escolas, o que não enseja generalização, ainda que estudos microsociais de uma realidade específica sejam relevantes para compreensão macrosocial, já que esses tipos de análises se complementam (LORIGA, 2011). Sugere-se, todavia, o desenvolvimento de pesquisas que ampliem e investiguem acerca de QV de escolares, com necessidades educativas especiais e sem elas, bem como de estudos do tipo qualitativo que se aprofundem nas subjetivações das crianças acerca da relevância que a escola representa na QV dos discentes.

Notas

¹ Os resultados e discussões desse estudo foram devolvidos para a comunidade escolar por intermédio da publicação de um livro, com o estudo na íntegra, denominado Qualidade de vida na infância: visão de alunos da rede pública e privada de ensino, de autoria de Lia Fialho e Maria Teresa Valdés, publicado pelas edições UFC, em 2010. Essa obra teve sua tiragem exclusiva para compra e distribuição pelo Serviço Social da Indústria (SESI) às escolas municipais de Fortaleza.

Referências

ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B. *et al.* Escala de avaliação da qualidade de vida: validade e confiabilidade de uma escala para qualidade de vida em crianças de 4 a 12 anos. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 119-127, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004282X2000000100018&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 23 mai. 2017.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 5. ed. Lisboa: 70, 2009.

- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 out. 1996.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 dez. 1996.
- BROWN, M.; GORDON, W. A. Empowerment in measurement: “muscle”, “voice”, and subjective quality of life as a gold standard. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, Philadelphia, v. 85, n. 2, p. 13-20, 2004.
- BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, Manguinhos, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registo/Promocao_da_saude_de_qualidade_de_vida/62> Acesso em 23 mai. 2017.
- ANDRADE, D. B. S. Fe. A criança nas entrelinhas dos discursos de acadêmicos brasileiros sobre professor da educação infantil. *R. Educ. Públ.* Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 361-377, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/920/721>> Acesso em: 23 mai. 2017.
- DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Org.). *Caminhos do pensamento, epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 195-223.
- EISER, C.; MORSE, R. A review of measures of quality of life for children with chronic illness. *Archives of Disease in Childhood*, London, v. 84, p. 205-211, 2001.
- EISER, C.; EISER, J. R.; STRIDE, C. B. Quality of life in children newly diagnosis with cancer and their mothers. *Health and Quality of Life Outcomes*, London, v. 3, n. 29, 2005.
- FIALHO, L. M. F.; MORENO, M. T. *Qualidade de vida na escola: e a promoção de ambientes favoráveis à saúde*. Fortaleza: Unifor, 2006.
- FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R.; BRANDENBURG, C. La calidad de vida infantil y sus dimensiones: percepción de escolares. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 45, p. 227-241, 2015.
- FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R.; VASCONCELOS, J. G. Qualidade de vida infantil: uma proposta desde a escola promotora de saúde. In: SANTANA *et al.* (Org.). *Bioinformática, ciências biomédicas e educação*. Fortaleza: UFC, 2011. p. 187-278.
- GÓMEZ-VELA, M.; SABEH, E. N. Calidad de vida. Evolución del concepto y su influencia en la investigación y la práctica. *Integra: Boletín de Noticias del Instituto Universitario de Integración en la Comunidad*, Salamanca, v. 3, n. 9, p. 1-4, 2000.
- GUZZO, R. S. L. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: PRETTE, Z. A. P. D. (Org.). *Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida*. Campinas: Alinea, 2003. p. 25-42.
- HOPE, W. C. Negando igualdade de oportunidades educacionais: foco no monitoramento de habilidades na Educação Especial. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 1, 89-115, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p89/17842>> Acesso em: 23 mai. 2017.
- JOKOVICH, A.; LOCKER, D.; GUYATT, G. How well do parents know their children. Implications for proxy reporting of child health-related quality of life. *Quality of Life Research*, v. 13, p. 1297-1307, 2004.
- LEDESMA, X. R. ¿Qué historia para qué ciudadanía? La enseñanza de la historia en la educación básica en México. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 537-558, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em 23 mai. 2017.
- LORIGA, S. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

- LUCKESI, C. L. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- MELO, E. L. A.; VALDÉS, M. T. M.; PINTO, J. M. S. Qualidade de vida de crianças e adolescentes com distrofia muscular de Duchenne. *Pediatria*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 28-37, 2005.
- MINAYO, M. C. S. *et al. Pesquisa social teoria método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MOLINA, R. K. Pesquisar com narrativas docentes: experiência, epistemologia e ética. *R. Educ. Públ. Cuiabá*, v. 20, n. 44, p. 429-441, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/316/284>> Acesso em: 23 mai. 2017.
- PALACIOS, J.; HIDALGO, V. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, C. *et al. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 252-267.
- PREBIANCHI, H. B. Medidas de qualidade de vida para crianças: aspectos conceituais e metodológicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 57-69, 2003.
- SABEH, E. N.; VERDUGO, M.; PRIETO, G. A. Dimensiones e indicadores de la calidad de vida en la infancia. In: VERDUGO, M. A. (Dir.). *Cómo mejorar la calidad de vida de las personas con discapacidad: instrumentos y estrategias de evaluación*. Salamanca: Amarú, 2006. p. 61-76.
- SANTOS, C. dos. As práticas docentes e o Currículo de Geografia no Estado do Rio de Janeiro. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 83-98, jan./abr. 2017 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: 23 mai. 2017.
- SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- SCHALOCK, R.; VERDUGO, M. A. *Calidad de vida: manual para profesionales de la educación, salud y servicios sociales*. Madrid: Alianza, 2003.
- SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, 2004.
- VERDUGO, M. A.; SABEH, E. N. Evaluación de la percepción de calidad de vida en la infancia. *Psicothema*, Oviedo, v. 14, n. 1, p. 86-91, 2002.
- VERDUGO, M. A.; SCHALOCK, R. L. Aspectos clave para medir la calidad de vida. In: VERDUGO, M. A. (Org.). *Cómo mejorar la calidad de vida de las personas con discapacidad: instrumentos y estrategias de evaluación*. Salamanca: Amarú, 2006. p. 43-58.

Revisores

Língua Portuguesa	Felipe Aragão de Freitas Carneiro E-mail: fafc17@hotmail.com
Língua Inglesa	Jéssica Gonçalves Nobre E-mail: jessicaanobre@gmail.com
Língua Francesa	Jéssica Gonçalves Nobre E-mail: jessicaanobre@gmail.com